

MÁRIO DE ANDRADE: IDENTIDADE NACIONAL E NACIONALISMO ESTÉTICO

ALVIM¹, Fernando J. da S. e ; RAMOS², Marilúcia Mendes

Palavras-chave: Mário de Andrade, nacionalismo estético, identidade cultural, consciência histórica

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

Mário de Andrade acreditava que é preciso "fazer com que o povo viva sua cultura, pois só assim poderá se reconhecer como nação" (CONTIER, 2004, p. 66-79). Isso fica claro com as obras que realiza entre 1935 e 1937, período em que atua como diretor do Departamento de Cultura da prefeitura de São Paulo, dando "uma continuidade objetiva" as suas idéias. Percebia a arte e a literatura contendo uma dimensão coletiva e organizacional da sociedade, reunindo e formando a comunidade, através de conteúdos já presentes na alma do povo com os quais estes se identificariam. Por este motivo, Mário de Andrade faz várias viagens pelo país onde registrou impressões e catalogou a cultura popular e o folclore nacional. Entre 1919 e 1924 ele viaja com a famosa Caravana Modernista de onde deriva seu primeiro trabalho etnográfico sobre Aleijadinho e a pintura tradicional no Brasil. Posteriormente, entre 1927 e 1928, Mário viaja para o norte e o nordeste do país na Caravana da Descoberta ou Comitiva da Rainha do Café, na qual desenvolve um relato etnográfico bem interessante que, somado a um conjunto de relatórios e monografias elaboradas a partir de suas pesquisas em arte colonial em São Paulo, feitas numa viagem entre 1935 e 1938 ao interior do Estado, compõe o *Turista Aprendiz*. É importante ressaltarmos que no início de 1928, tendo ainda muito recente as impressões da viagem ao norte e nordeste, reestrutura os escritos de *Macunaíma*, publicando-os no mesmo ano. Constatamos com isso a importância da pesquisa de campo para a construção estética dos escritos do autor.

Sobre a temática da identidade, as pesquisas têm sido cada vez mais recorrentes no meio acadêmico nacional e internacional. No Brasil a literatura acaba sendo um dos principais veículos divulgadores e fomentadores da discussão sobre identidade nacional e sobre a própria idéia de nação. O romantismo brasileiro é o início de uma literatura que podemos chamar de nacional, apesar de ufanista e idealista, mediadora de um moralismo, de uma visão de mundo, de uma tradição externa. O modernismo vem, então, atualizar a inteligência nacional, reivindicando o direito à pesquisa nacional e aplicando as técnicas das vanguardas européias ao caso brasileiro. É a famosa proposta antropofágica, legitimadora da crítica e da reconstrução da cultura brasileira a partir da inteligência ocidental, européia e metropolitana. Mário de Andrade apresenta-se no percurso histórico do modernismo como um dos mais engajados em pesquisas de campo, aplicando a tradição brasileira esta inteligência externa e modernizadora, de forma a examinar e extrair elementos de uma estética nacional através do que ele denomina de sintomas de cultura, ou seja, manifestações típicas da coletividade (SANTOS, 1992).

¹ Bolsista de iniciação científica. Faculdade de Letras / UFG – Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários, fjalvim@hotmail.com

² Orientadora / Faculdade de Letras / UFG, marilucia_ramos@uol.com.br

Percebermos como indissolúvel ao artista, o pesquisador e o teórico. Observando desta maneira, percebemos o escritor modernista como o primeiro pesquisador a levantar de maneira sistemática o imaginário simbólico deste Brasil, rural e anônimo, onde buscava os símbolos sociais capazes de permitir o diálogo com a comunidade. Mário percebia assim o artista com um dever social perante a comunidade, tendo que “captar e traduzir em linguagem artística os conteúdos já presentes na alma do povo” (JARDIM, 2005, p. 27). A própria arte significa para o autor expressão da coletividade, manifestação da cultura da comunidade a qual pertence. A ressonância disto pode ser percebida na atualidade da discussão sobre identidade na pós-modernidade, seja na esfera nacional ou internacional, em que cada vez mais se busca identificação com algo que nos dê sentido e orientação. Mário de Andrade buscava uma forma de se alcançar essa consciência tradicional que o identificasse como brasileiro, num ideal, numa orientação nacional que perpassasse a fase do mimetismo para a fase da criação autêntica. Com isso seríamos, a seu ver, universais em nossa singularidade, possibilitando o acesso da nossa produção artística e cultural ao “concerto das nações cultas” (JARDIM, 2005, p. 26). Mário de Andrade se fixa de forma incontestável como um elemento chave para entendermos nossa história nacional, nossa consciência histórica, nossa própria concepção atual do que é ser brasileiro.

Buscamos, assim, constatar de que maneira Mário de Andrade buscará os elementos integrantes da cultura brasileira, partindo das manifestações artístico-populares como sintomas de cultura donde deriva uma estética nacional, para verificar de que modo estes se apresentam na contística marioandradeana e como essa contribuição norteará os estudos posteriores sobre cultura popular, literatura, história e imaginário brasileiros.

2. METODOLOGIA

Detivemos-nos, primeiramente, na seleção dos contos de Mário de Andrade, retirados dos dois primeiros livros do gênero – *Primeiro Andar*, de 1926, e *Contos de Belazarte*, de 1935. Fundamentados na leitura da bibliografia disponibilizada para estudo de literatura e história, selecionamos uma linha teórica e crítica que melhor embase nossas propostas de confrontações entre os discursos intencionais da história, bem como da literatura. Elencamos alguns aspectos presentes nos contos selecionados, que se justificam por meio de nossa abordagem teórico-metodológica, como elementos-chave para nossa proposta de interpretação dos mesmos. Além dos próprios contos de Mário de Andrade, procuramos observar também, em outras publicações do autor nas mais diversas áreas em que seu gênio atuou, assim como, na leitura de pesquisadores de outras áreas, como a da antropologia, que fazem uma rica leitura sobre a contribuição do escritor-pesquisador para o campo da cultura brasileira. Com isso abrimos o foco literário a partir de um primeiro distanciamento do mesmo, de um distanciamento do próprio objeto literário, sob uma perspectiva antropológica, a partir da qual percebemos Mário de Andrade como um indivíduo que se preocupou, sobretudo, com a cultural nacional de seu país.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De maneira geral percebemos alguns elementos recorrentes e bem peculiares no projeto estético de Mário de Andrade. Estes são primeiramente os que se relacionam com a tradição oral, com a expressão social do patrimônio cultural transmitido formador de uma memória coletiva, de um imaginário, de uma identidade nacional que fundamenta o projeto estético do autor modernista.

A arte para o autor modernista passa a apresentar-se como a forma mais poderosa de representar a nação, inventando-a, (re)criando-a, produzindo significado social de acordo com esta vivência brasileira do artista que a produz, sendo um forte veículo de produção e compartilhamento de significado na comunidade a qual pertence. Assim, Mário vai recriando no texto escrito, através de uma estética nacional, o que ele acreditava ser a consciência tradicional brasileira, partindo dos valores da tradição oral e acrescentando-lhes elementos novos da sua vivência enquanto brasileiro, pesquisador da arte e da cultura nacional e sujeito moderno universal.

Percebemos com isso elementos nos contos do autor modernista que legitimam nossa abordagem histórica, social e antropológica e corroboram nosso intuito de afirmar que esta abordagem interdisciplinar potencializa o valor estético da obra de Mário de Andrade.

4. CONCLUSÃO

De acordo com o levantamento feito no banco de teses da CAPES verificamos que esta abordagem da obra marioandradeana, que iniciamos a partir dos contos do autor, é bem original, distinguindo-se das já produzidas por evidenciar a reflexão sobre a possibilidade de uma releitura da história partindo da obra literária do escritor modernista. Como resultado disto esperamos fomentar a discussão sobre a temática não só na área literária, mas historiográfica, antropológica e sociológica. Como estamos num entrecaminho, numa região fronteiriça própria para a abordagem complexa deste tema abstrato e crucial para toda nação, é válido que nos utilizemos vasta bibliografia de áreas afins. Para isso participaremos de congressos nestas áreas do conhecimento buscando divulgar os resultados de nossa pesquisa.

Estamos, assim, cada vez mais integrados a esta rede de discussão acadêmica com a qual já nos encontramos dialogando, através de apresentações do trabalho e publicações de resumos, num primeiro momento, para só então concluirmos nossa pesquisa de iniciação científica com a publicação de um artigo numa revista da área.

Como temos o interesse de dar continuidade à pesquisa, este será nosso objeto de pesquisa na monografia de fim de curso. Com isso, pretendemos como é a proposta do projeto institucional de bolsa de iniciação científica (PIBIC), verticalizar esta temática, que é altamente vigente nas discussões acadêmicas atuais, para o nível de pós-graduação através de um projeto de mestrado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. "Caim, Caim, e o resto". In: **Os contos de Belazarte**. 5 ed. São Paulo: Martins, 1972.

ANDRADE, Mário de. "Primeiro Andar". In: **Obra imatura**. 2 ed. Brasília: INL, 1972.

ANDRADE, Mário de. **O Turista Aprendiz**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

CONTIER, A. D. **O nacional na música erudita brasileira**: Mário de Andrade e a questão da identidade cultural. *ArtCultura*, Uberlândia, n. 9, p. 66-79, 2004.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. 6 ed. Lisboa: Edições 70, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JARDIM, E. **Mário de Andrade o intelectual completo**. *História Viva*, ano II, n. 22, p. 24-29, ago. 2005.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SANTOS, Marisa Veloso Mota. **O tecido do tempo**: a idéia de patrimônio cultural no Brasil (1920-1970). 1992. 498p. Tese (Doutorado em Antropologia) – PPGAS, UnB, Brasília, 1992.

FONTE DE FINANCIAMENTO – CNPq/PIBIC